

Poemas diversos

Pátria mãe gentil
Mas não tão gentil
Tuas pobres crianças
Ainda dormem nas ruas...
Pão que o berço esplêndido
Ignora no lixo
Teus mendigos fazem a ceia
Tua terra amada
Cobre homens sem sorte
Que lutam simplesmente
Para não morrer...
Os filhos deste sol
Não tem a luz prometida
E passam pela vida
Sem serem notados
Pátria mãe, se não podes ser mãe
Deixa eles serem filhos...

ù

Todos nós estamos sempre em busca
De um culpado...
Da miséria da alma, da fome da carne,
Da injustiça, da atitude, do mal praticado,
Dos erros atrozes, da perda de valores,
Das mudanças sem rumo e das besteiras, que praticamos todos os dias...
Mas nunca somos suficientemente capazes
De repensar, nos verdadeiros sentidos
Das coisas certas e nos culpamos juntamente,
Pelos erros da nossa história...
O que se pode perceber...culpar é mais fácil
Do que sentir-se culpado...
Se um dia nós chegarmos a um conceito de culpa coletiva,
Certamente estaremos perto,
De sermos humanos de verdade...

ù

Love is not shared
It is not kept
It is not borrowed
It is not sold
It has the right size
It's necessary to learn

**That love is about
Giving out to another
For in this change
Love flourishes
Flowers and feeling
We feel with the time**

ù

**A nudez da alma e do corpo
São duas formas de propor
Um mundo vestido de amor
Onde a expressão e a liberdade
Sejam preservadas e seguidas
Sem desperdiçar a dignidade...**

ù

**Vivo dos sonhos
E do meu futuro definido
Que não sei qual...**

ù

**Achar defeito em tudo
É uma tática usada pelos “perfeitos”...**

ù

**A maior burrice da gente
É pensarmos que os outros sabem menos...**

ù

**Se nós paramos de lutar
Eles irão pensar que nos venceram...**

ù

**Ao pensar, sentir e agir,
Quase todos nós refletimos
A Pátria de origem
Poucos são os que refletem**

A Pátria do destino...

ù

**São as surpresas
Que tornam a vida interessante?...**

ù

**Certo dia, alguém gritou em “ventos Brados”
(Aqui eu sou o rei...) Com tamanha proclamação
E um tanto egoísta, quis ser “Deus”...
Nesta transição perdeu seu posto de ‘Rei’,
Mas também não tornou-se “Deus”...
Porque Deus perdoa...**

ù

**Criar obstáculos
É uma invenção das pessoas
Sem coragem de vencer...**

ù

**Silenciar diante do desespero,
Poderá ser o momento
De maior crueldade...**

ù

**Uma mentira na hora certa...
Vale mais que uma verdade na hora errada?...**

ù

**Certos homens se aproveitam da fragilidade
Das pessoas, que sabem perdoar, que sabem chorar
E que sabem compreender, os fracos poderosos.
Eles se escondem mostrando-se bem intencionados, humanos
Com vontade de resolver os problemas do mundo
Mas são incapazes de descer do seu pedestal imaginário
E pedir desculpas de sua podre auto-afirmação
Pensando que nós, frágeis homens, não compreendemos**

A pequinês de suas atitudes.
Ah! Como eu sou bobo, escrever estas frases
Registrando este fato, tão pequeno.
Mas tenho uma esperança, que daqui a alguns anos
Eu volte a ler notícias
Que estes poderosos se redimiram ao pó, como eu...

ù

Um dia o negro entrou em minha casa
E foi envolvendo-me
Sem questionar quase nada
Fui apreciando a negritude
Me vesti e assumi o preto
Muitas já foram as perguntas
Todas não dei a resposta
Porque também não tenho a resposta
Aprecio o preto da mesma forma que gosto dos outros tons
Não sinto uma exigência social
Nem muito menos uma forma neutra da moda
O preto me estimula dentro e fora
Sinto como se fosse uma cartela
Afinal em tudo existe o preto
Para marcar, delinear, sombrear ou diferenciar
Afinal a minha predileção
É igual a tudo de muitos
Mas com um toque sensível e inigualável
Esta cor me transmite
Algo que por mais que eu invente
Pesquise ou aceite
Não irei encontrar a resposta
Porque ela simplesmente me acompanha por muito tempo
Sem me perguntar nada
Deixando-me colorido.

ù

I
Gritos do meu silêncio que todos podem sentir
Uma questão de poder, do amor e da morte
Estou bem nesta angústia que às vezes transparece
Pra ti e pra mim...
Traidor da minha própria e única causa.

II

Uma névoa de angústia paira no ar. Momento atual!
Lembranças... Imensidão de mim
Não chores sobre a beleza do mundo a tua frente
A poesia é meu caminho de flores ou espinhos
Fonte do futuro inesgotável da conquista humana
Mundo tão completo de incompletude
Mistura de saudade e felicidade.

III

Eu, por mais que queira, não consigo lembrar
Mas não sacio a fome de ser cigano
Juro escrever mais que um verso sequer
Nunca apague a luz que ilumina os outros.

IV

Tudo e todos parecem estar no seu lugar
Tudo e todos aparentando normais
Quero ancorar sem medo na ilha mais próxima
E contar em detalhes a história dos homens do meu tempo
E eu corro no imediatismo dos meus atos
Tentando me redescobrir...

V

E das flores surgem novas laranjas
Unicamente para saciar a sede de uma época
E assim todos os dias se repetem
Sempre a mesma história
Que eu não gostaria de contar a ninguém
Aquele mulher despejada na calçada
Dormindo acordada o sono da miséria.

VI

Nos caminhos de minha busca
Encontrei-me com a saudade. Distância!
Enraízo na terra da minha teimosia
Para ter certeza que jamais abortarei
Esta vontade de mudar...

VII

O velho se vai dando lugar ao novo
Como querendo fugir das lembranças
O pé para fora do ventre
Até eu sentir-me culpado dos erros do mundo
Mãe heroína quando pela mão
Leva-me a todos os destinos
Parece-me ver as malas prontas. Tom de férias!

VIII

As bestas dependendo do aplauso
Minha boina é fogo por dentro
E os olhos da humanidade são perfeitos
O lugar vulgar de herói destrói
A manifestação popular
Finja que é assim a felicidade. Pequeno conselho!

IX

Espalhar sem reflexão alguma
Seu talento repassado. Eloquência!
Continuo diferente...
Tentando repousar no vai-e-vem...
O céu da boca não tem estrelas. Lembrete!
Tudo está por um fio. Desamor à vista!
Esperando por dias melhores
Sem nada fazer pelos melhores dias.

Ù

I

Delitos de desmontar o jogo
A poesia aurática alertando a consciência
E se encontrando às escondidas.

II

Telepatia de estar junto de corpo e alma
Aborto geométrico dos sonhos do dia
Denúncia diária de mulher.

III

Castelo de sonhos de princesa sem reinado
Ficção de criadores em nudez arrogante
Porto de bocas caladas e vazias.

IV

Lucidez na corda bamba
Pertencer um ao outro
Enquanto a inflação soberba
Sobe a escada sem corrimão.

V

Entrega dos corpos macios
Sob o arco-íris
Verdadeiro amor sem tempo.

VI

A fama é uma mera mala vazia
Vencer é perder em dobro
Morte do império dos falidos desvalidos
Roda viva da vida de ideais.

VII

Coração de poeta entre retalhos
Namorados seduzidos de uma espera
Limitado ser passageiro pelo conhecer.

VIII

Sol pálido que espia entre as nuvens
Réplica quebrando regras e mandamentos
Álibi individual que não se deu por vencido.

IX

Usando meias verdes em defesa da ecologia
Evolução de fins sem importar os meios
Delírios de esgrima de vida vadia
Brincando com a aventura por paisagens opostas.

Ù

Marcondes e Eva

por Vitor Hugo, sociólogo e poeta

Faces de ostra gerando a pérola mais preciosa
Poesias diversas, mas complementares
Tênuê linha divisória de um e de outro
Poesia que se transfigura em dois corpos
Transfusa no mesmo pulsar vital.

Móbile de corpos que se amam por inteiro
Desilusão do cotidiano em dupla face
Poesia dividida em pedaços múltiplos
Multiplicidades pessoais fortalecendo o instante
Por onde brota o compromisso assumido
De dar voz ao silêncio em sussurro angustiante.

Salimbancos da poesia teatral
Acordam abafados pela emoção
Vendo tantos homens se atrevendo a sonhar
Através da poesia de caráter social
Com frases livres e soltas
De quem busca um lugar para todos.

**Crianças em corpos de gente grande
Gente séria que brinca com a verdade
Artistas do palco, do mundo e da vida,
Companheiros de rastros poéticos
Semeadores da luta em forma de poesia
Aprendizes proféticos do futuro.**